

**CIBERESPAÇO: ENTRE ESPAÇO, REDES E PERFORMANCES
SOCIOESPACIAIS**

*CYBERSPACE: AMONGST SPACE, NETWORKS AND SOCIAL-SPATIAL
PERFORMANCES*

Gustavo Souza Santos¹
Maria das Graças Campolina Cunha²

¹Faculdades Integradas Pitágoras De Montes Claros – FIPMOC

gustavo.ccpv@gmail.com

²Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES

gracapira@yahoo.com.br

RESUMO

O ciberespaço se constitui como um espaço reticulado, cuja funcionalidade e (i)materialidade o posicionam para além da técnica e da infraestrutura informacional, mas o tornam um esteio propício para performances socioespaciais. A proposta deste artigo é discutir o ciberespaço como um espaço reticulado, isto é, um esteio que se articula entre espaço e rede, refletindo a produção de performances socioespaciais a partir de sua constituição e funcionalidade. No itinerário discursivo, são analisados os marcadores de (i)materialidade, virtualidade, comunicação e técnica, deflagradores das performances socioespaciais no ciberespaço. As discussões aqui levantadas partem da complexificação sociocultural promovida pelo ciberespaço que tem reconfigurado espaço, sujeitos, interações e coletividades, temáticas assaz pertinentes à Geografia contemporânea que tem se debruçado sob as revoluções entre espaço e sociedade.

Palavras-chave: Ciberespaço. Espaço. Rede. Dinâmica socioespacial.

ABSTRACT

Cyberspace is constituted as a reticulated space, whose functionality and (i)materiality position it beyond the technical and informational infrastructure, but make it a mainstay conducive to socio-spatial performances. The purpose of this article is to discuss cyberspace as a lattice space, ie, a mainstay that is articulated between space and network, reflecting the production of socio-spatial performances from its constitution and functionality. In discursive itinerary the markers analyzed are (i)materiality, virtuality, communication and technical triggers of socio-spatial performances in cyberspace. The discussions raised here start from the sociocultural complexity promoted by cyberspace that has reconfigured space, subject, interactions and communities, rather themes relevant to contemporary geography that has bent under the revolutions between space and society.

Keywords: Cyberspace. Space. Network. Social-spatial dynamics.

INTRODUÇÃO

A emergência do ciberespaço e a constituição da cibercultura provocaram uma revolução em termos de comunicação, informação e sociabilidade (LEMOS, 2015). Todavia, tal revolução reverberou outras modificações mais difusas envolvendo relações espaciotemporais, o urbano, os devires, as vias e o exercício civil on-line e off-line. Novas noções e objetos em termos de cultura e sociedade foram sentidos, gestando novas perspectivas em torno de identidades e coletividades, significando uma nova organização da dinâmica social (BAUMAN, 1998). Diante dos olhos e das conexões, tem-se um novo aparato espacial a produzir tessituras geográficas e influir sobre a ordem social: o ciberespaço.

Uma nova dinâmica socioespacial é verificada, já que representações espaciais inovadoras e construções (i)materiais inéditas passam a clamar debates sociológicos, comunicacionais, históricos e, notadamente, geográficos. Entretanto, face a esse cenário singular e de um frescor desafiante, uma série de conjecturas e dualidades são levantadas. O desencalxe gerado na modernidade, como anunciado por Giddens (1991), estimulou o surgimento de partidarismos apocalípticos - avessos à novidade - e integradores - cultuadores -, como criticou Eco (2001). Esses embates discursivos originaram visões simplistas sobre a aquiescência do ciberespaço e sua dimensão socioespacial, relegando-o a uma condição técnica irrisória.

Como capitular então os fenômenos do ciberespaço que passa a produzir novos lugares de emancipação identitária e expressão social? Como entender as premissas sociotécnicas que esse novo dado propõe ignorando ou em desatenção às suas dimensões socioespaciais? Como entender a dinâmica espacial do ciberespaço e sua inclinação como produtor de performances socioespaciais contemporâneas, insurgentes sobre a comunicação, tecnologia, cultura e sociedade?

Fluxos socioculturais, a informação como capital social e cultural, novos marcadores sociais, uma nova cartografia, uma nova ágora, novas dinâmicas de devires, novas bases das relações de sociabilidade na virtualidade do ciberespaço e os seus reflexos na base material da sociedade precisam de lumes geográficos. Recortes, pistas e lizeiros devem ser objetivados para conhecer a zona que não se vê, a zona obscura desse cenário de cenários representado pelo ciberespaço, a produção de espaços e sentidos na performance socioespacial.

Assim, interroga-se o ciberespaço como um espaço reticulado, isto é, um esteio que se articula entre espaço e rede, refletindo a produção de performances socioespaciais, como por exemplo nos ativismos on-line e off-line e sua reverberação espacial assistidos nos episódios da Primavera Árabe, no Occupy Wall Street ou nas manifestações brasileiras de junho de 2013¹.

No cenário aqui elucidado, as dinâmicas socioespaciais que pendem do ciberespaço, sua articulação como espaço reticulado e a produção de performances - como os ativismos que tomaram o espaço público - não podem ser olvidados sob o risco de perdas epistemológicas e negação de oportunidades significativas que somem à teoria geográfica e sua dimensão contemporânea.

Assim, se o ciberespaço se constitui como um espaço reticulado, cuja funcionalidade e (i)materialidade o posicionam para além da técnica e da infraestrutura informacional, mas o tornam um esteio propício para performances socioespaciais,

¹ Movimentos de base sociopolítica e de ordem socioespacial que reverberaram também sob o préstimo do ciberespaço, via internet, redes sociais e outros dispositivos. Embora se reservem particularidades geográficas, históricas, culturais e políticas a cada um, comungam do mesmo cerne da insurgência espacial, reticulada e salvaguardada por operações on-line e off-line.

abrem-se as questões: nessa premissa, como o ciberespaço se organiza e produz tais performances? Como entender, na constituição do ciberespaço, a imbricação do espaço geográfico e das redes? Para tanto, por meio desta reflexão, objetiva-se discutir o ciberespaço como um espaço reticulado, isto é, um esteio que se articula entre espaço e rede, refletindo a produção de performances socioespaciais a partir de sua constituição e funcionalidade, tendo aporte epistemológico na Geografia.

ENTRE ESPAÇO E REDE

Um espaço reticulado

Ora, convém dirigir o olhar sobre o ciberespaço e seu préstimo como espaço reticulado. A origem do termo ciberespaço é literária e se popularizou na ficção científica de William Gibson em seu *Neuromancer* de 1984, cuja definição se situa na hipernarrativa de uma:

[...] alucinação consensual vivida diariamente por bilhões de operadores autorizados, em todas as nações, por crianças aprendendo altos conceitos matemáticos... Uma representação gráfica de dados abstraídos dos bancos de dados de todos os computadores do sistema humano. Uma complexidade impensável. Linhas de luz abrangendo o não-espaço da mente; nebulosas e constelações infindáveis de dados. Como marés de luzes da cidade (GIBSON, 2003, p. 67).

Todavia, a definição de Gibson pontua o ciberespaço como um experiência incomum, com desenhaxe da realidade pontual de vivência dos sujeitos e das sociedades. A clarividência, assim, vem com Lévy (2000, p. 92) que postula o ciberespaço como um “espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”. O filósofo francês ainda continua:

Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (aí incluídos os conjuntos de rede hertzianas e telefônicas clássicas), na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização. Insisto na codificação digital, pois ela condiciona o caráter plástico, fluido, calculável com precisão e tratável em tempo real, hipertextual, interativo e, resumindo, virtual da informação que é, parece-me, a marca distintiva do ciberespaço. Esse novo meio tem a vocação de colocar em sinergia e interfacear todos os dispositivos de criação de informação, de gravação, de comunicação e de simulação. A perspectiva da digitalização geral das informações provavelmente tornará o ciberespaço o principal canal de comunicação e suporte de memória da humanidade a partir do próximo século (LÉVY, 2000, p. 92-93).

Na alcunha do termo em questão, seja no fragor literário de Gibson seja na discussão levyniana, é possível decompor o ciberespaço em duas seções de análise geográfica: espaço e redes. O espaço como a operação funcional, (i)material e virtual, e redes como as múltiplas conexões e vias que se arrolam formando uma malha on-line/off-line. Nessa perspectiva, lançando-se lume geográfico, espaço e rede se efetivam como dados epistemológicos e se anelam para constituir, organizar e explicar a emergência e os fenômenos atrelados ao ciberespaço.

O espaço é “um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações” (SANTOS, 2004, p. 29) e ainda, “um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá” (SANTOS, 2004, p. 39), onde as aproximações com a técnica serão pertinentes. Na senda das redes, ainda

tem préstimo seu entendimento como difusão, comunicação, transmissão e encadeamento neural e fluido de fluxos que as designam e balizam como camadas do espaço geográfico, produzindo tessituras e fomentando performances (CASTELLS, 2007).

Entre espaço e redes e na consistência de um espaço reticulado, a economia dos fixos e fluxos (SANTOS, 2004) é evidenciada. Mais precisamente os fluxos como balizadores de transmissões, comunicações e enredamentos rizomáticos são cadentes para esse entendimento. Castells (2007) cunha o termo sociedade em rede tipificando um novo aparato espacial que por empuxo define novas formas de relações e práticas sociais. Notadamente, na galáxia da internet (2003), o ciberespaço é partícipe desse aparato denominado espaço de fluxos:

Proponho a ideia de que há uma nova forma espacial característica das práticas sociais que dominam e moldam a sociedade em rede: o espaço de fluxos. O espaço de fluxos é a organização material das práticas sociais de tempo compartilhado que funcionam por meio de fluxos. Por fluxos, entendo as sequências intencionais, repetitivas e programáveis de intercâmbio e interação entre posições fisicamente desarticuladas, mantidas por atores sociais nas estruturas econômica, política e simbólica da sociedade (CASTELLS, 2007, p. 44).

Emerge assim um esquema em que é possível não apenas entender a sociedade em rede, da informação e da comunicação, mas possibilita a dissecação do ciberespaço como um importante eixo socioespacial. Com base espacial no que tange uma constituição material ancorada em uma infraestrutura e lógica técnica e informacional, o ciberespaço se desdobra como lócus espaçotemporal (SANTOS; TRINDADE; ROCHA, 2015). Essa estrutura espaçotemporal se articula no funcionamento de redes de comunicação, informação e estrutura. Nesse enredamento é que se processam as relações e práticas sociais, onde flui cultura e onde operam economia, política e técnica.

Sobre a imanência espaçotemporal do ciberespaço, é possível dizer com Castells (2007) que o espaço material organiza o tempo que, por sua vez, é tempo inscrito na materialidade tangencial, todavia a dinâmica do ciberespaço indica outra modalidade, a do espaço virtual. Espaço virtual que de modo algum é irreal, mas (i)material. Toda essa dimensão entre espacialidade, temporalidade, virtualidade e (i)materialidade, como concordam Silva e Tacman (1999) ao discutir Castells (2007), é consonante à dinâmica socioespacial.

Essa dinâmica socioespacial que abarca uma nova organização e lógica instauradas no contato virtual e (i)material não apenas formam um estado espacial, mas reestruturam o espaço concreto preexistente, como enfatizaram Silva e Tacman (1999). Isso implica afirmar que o ciberespaço não está desalojado do real, mas o exerce na medida em que o opera por relações de representação e simulação. Por conseguinte o virtual não é um dado além ou aquém, mas é uma extensão do real, ou como preferem Silva e Tacman (1999), um real latente.

Com o virtual em cena, não se tem um dado estático e passivo (SANTOS *et al.* 2015c). Tendo o espaço reconfigurado, o tempo também é modificado, onde a instantaneidade temporal unida à espacialidade virtual tornam-se marcadores das novas ambiências (SANTOS *et al.* 2015a) produzidas em torno da telemática, da sociedade em rede e, do ciberespaço.

A estrutura telemática, técnica e informacional do ciberespaço quando da apropriação de um esteio espaçotemporal próprio (SANTOS; TRINDADE, ROCHA, 2015) estabelecem relações socioespaciais próprias, em rede, onde a premissa da discussão se eleva: o ciberespaço é um espaço reticulado. Como espaço reticulado, o

ciberespaço carrega em si um princípio congregador e integrador de lugares, sujeitos e informações sob o ritmo da admirável velocidade e estrutura técnica telemática.

Embora o ciberespaço tenha em si uma epifania comunitária total, como na composição de uma aldeia global postulada por McLuhan (2002), onde tudo e todos se imiscuem em uma realidade espaçotemporal fluida, dinâmica e veloz, há um pano de fundo político-econômico a gestar esse funcionamento. A infraestrutura das telecomunicações injetam não apenas o beneplácito da comunicação como direito universal e indexadora de desenvolvimento, mas coaduna interesses e iniciativas de manutenção da sociedade econômica e política.

Da icônica sentença de Yves Lacostes sobre a instrumentalização da Geografia para o feito da guerra² no entendimento de seu potencial agenciador e transformador, pode-se encontrar uma leitura similar à sociedade em rede na qual está inscrito o ciberespaço. A dinâmica imaterial do ciberespaço se apoia no avanço dos fluxos produtivos, econômicos e políticos globais na otimização de transações e na universalização de produtos, serviços e capitais, como pontuam Silva e Tacman (1999). Assim, uma condição de investimento em tecnologia tangencia uma revolução informacional com palco epistemológico no espaço, onde pende a premissa do ciberespaço como conceitos chave importantes para se ler a contemporaneidade.

Essa materialidade de satélites, cabeados, estações de telecomunicação e difusão informacional e comunicacional, a própria rede de computadores, hardware e software são elementos constitutivos de uma cadeia produtiva e de infraestrutura que, por sua vez, gestam um viço espacial - e temporal - particulares, injetando novas dinâmicas e introjetando novos arquétipos de processamento da vida humana e suas práticas. Todavia, essa materialidade é convivial à imaterialidade característica do mundo cibernético.

É esclarecedor que a constituição e funcionamento do ciberespaço tem base material, estrutural e técnica. Contudo, é ainda mais clara sua condição desmaterializante e virtual. No ciberespaço, tempo, espaço e sujeitos são submetidos a um processo de sujeição virtual, isto é, as relações, as práticas e os devires se processam por meio de um dispositivo que desmaterializa para exercer seus fins. Aqui, se inserem a linguagem de links, das conexões e das vicissitudes funcionais cibernéticas que, em termos de ação e velocidade, unem sujeitos e localidades com facilidade magistral.

Nesse espaço imaterial, nesse vórtice virtual e desmaterializante é que se processam os enredos e tarefas do ciberespaço. Isso implica que todo mínimo impulso e movimento fica atrelado a uma dinâmica de fluxos velozes e virtualizantes, quer dizer, linguagem, ação, reação, construção, identidade, coletividade e devir são desfragmentados no sumo cibernético em uma noção de quase abolição do espaço. Isso se dá na comunicação eletrônica e por meio das frequentes inovações em termos de tecnologias da informação e comunicação (TICs).

Longe de ser uma quimera contemporânea e se aproximar mais da narrativa de Gibson, mas ao contrário, em pleno acordo com a definição de Lévy (2000), o ciberespaço produz essas ambiências virtuais que borram, a priori, os limites territoriais permitindo deslocamentos múltiplos e acessos rápidos. Levando em conta ainda a base material das telecomunicações onde os provedores de seus serviços são difusos, tais acessos, comunicações e percursos podem partir de uma aleatoriedade e entrecruzamentos tais que os vestígios e referências de lugar evanescem.

² LACOSTE, Yves. **A geografia**: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. Tradução de Maria Cecília França. Papyrus, 1997.

Nesse ínterim, insurgem as discussões sobre o ciberespaço como um não-lugar (MARCONDES FILHOS, 1996). Porém, considerando a cadência do lugar como a complexificação de dinâmicas e relações espaciais perpassadas pelo simbólico, sógnico e representativo, o ciberespaço se legitima como lugar. Isso porque ao acessá-lo ou ao considerar seu funcionamento, os sujeitos perpetram sua própria autonomia e individualidade, desenvolvendo esquemas identitários e, sob lume da coletividade, atrela a si práticas socioculturais e desenvolve relacionamentos diversos, como confirmam Santos *et al.* (2015a).

Tendo diante da reflexão a materialidade que configura e suporta o ciberespaço, sua geograficidade como um lócus espaçotemporal e sua iminência social e identitária - portanto arrolado à dinâmica de lugar -, tem-se um constructo complexo a rearranjar relações e esquemas espaciais - com a complexidade polissêmica que o termo evoca -, tocando sujeitos e favorecendo de modo rizomático e senciente eventos socioculturais, identitários e coletivos per si.

Ora, entendendo assim o edifício conceitual do ciberespaço, não é difícil enxergar sua envergadura para estudos socioespaciais. Retomando sua radicação entre espaço e rede, essa trajetória descritiva apresentada corrobora posicionando esse espaço reticulado como um oásis epistemológico e crítico para a ciência geográfica - para se ater apenas à Geografia, mas trazendo à tona o interesse da Comunicação, Sociologia, Antropologia e outros, como concorda Moraes (2013).

Apontar o ciberespaço como um espaço reticulado possui algumas abordagens: primeiro o modo como se espacializa, depois como se comunica e difunde e, por fim, como se socializa e integra. Quanto à espacialização, esta se dá na geração de pontos reticulares, rizomáticos, fluídos, neurais e conectados de ação espacial, social e informacional. Isto implica na manutenção contínua do ciberespaço como espaço ampliado e acessível de diversas formas - fazendo referência aqui aos computadores, *smartphones* e demais dispositivos conectados.

Quanto ao modo como o ciberespaço se comunica e se difunde, isso se dá por meio da linguagem telemática possuidora de seus próprios códigos e facetas. Isso implica considerar a ambiência cibernética com todos os seus esquemas de acesso: *links*, *sites*, *hiperlinks*, códigos simbólicos diversos, níveis de acesso, codificação e decodificação, navegabilidade e acessibilidade. Considerando agora o modo como o ciberespaço se socializa e se integra, há que se observar que seu acesso não se restringe a um domínio puramente individual e tecnicista, mas lida-se como um fenômeno de tecnocultura (LÉVY, 2003). Ou seja, destacam-se as agremiações, ativismos, coletividades, comunicações síncronas e assíncronas, o compartilhamento de conteúdo, o acesso à informação e o caráter socializante das mais diversas operações no ciberespaço.

Um espaço reticulado não se mostra apenas como um espaço produzido como se costuma entender. Assim, entre espaço e rede, o ciberespaço produz espacialidades e agrega em si fenômenos, práticas e devires que tem por essência uma imanência espacial (MIRANDA, 2014). Considera-se então, o ciberespaço como espaço reticulado produtor de performances socioespaciais, como se destaca a seguir.

Da produção de espaço à produção de performances socioespaciais

Entende-se aqui que o ciberespaço é participante da cosmologia da sociedade em rede, trafegando por sua linguagem de fluxos e, portanto, enredada. Nos fluxos desse espaço reticulado estão as vias expressas e os territórios informacionais, dos quais é preciso ter acesso. Tal acessibilidade se constrói mediante uma infraestrutura de apoio

às ambiências variadas que pendem desse esteio e que, conforme já explicitado e nas vozes de Silva e Tacman (1999), definem novas relações sociais. Acrescentam-se aqui relações espaçotemporais.

Partindo do pressuposto dessa condicionalidade ambiental do ciberespaço que estabelece um aporte material para um dimensionamento imaterial, entende-se então que o ciberespaço evoca uma realidade que se dá na perpendicularidade entre um *modus vivendi* e um *modus operandi* on-line e off-line. Em outras palavras, o computador com seus componentes físicos, as linhas de conexão, o funcionamento telemático e a estrutura eletrônica são os meios em regime material que transportam o sujeito para um estado imaterial, o da virtualidade.

Nesse sentido, a experiência espaçotemporal - e até sua constituição como tal - do ciberespaço não se dá de modo totalizante na acuidade material, onde esses são apenas veículos, meios ou vetores. O *modus vivendi* e *operandi* do ciberespaço ocorre na dimensão do invisível, do virtual e, portanto, em zonas fluidas e neurais de produção, apropriação e vivência do espaço e do devir. Contudo, há que se salientar que esse funcionamento não mitiga ou apaga as relações com o visível e material. A ordem do ciberespaço pressupõe um esquema on-line com janelas off-line em situação de troca e mutualidade que acabam por “zelar” por sua coesão.

Posto isso, os debates de que o espaço geográfico perde seu vigor e entra em erosão com o avanço da telemática entram em cena como postuladores do fim da Geografia perpetrado pelas imagens e pelo virtual. Ora, por certo que como Harvey (2007) destacou o estado de compressão espaço-tempo no fim do século XX, as concepções de espaço se alteraram, ou melhor, precisaram ser alteradas já que não é mais possível pensar apenas em uma entrada material do espaço e da espacialização.

Um novo jeito de experimentar o espaço foi posto em cena, ante à virtualidade, como um novo modo de viver o tempo está posicionado com o tempo-velocidade, claramente compreensível na instantaneidade, fluidez e interatividade como marcadores das vivências sociais - e socioespaciais, para ser mais preciso. Convém destacar que espaço e tempo supõem uma mutualidade constitutiva e que, por mais alteradas e alargadas que sejam suas dinâmicas, há bases e operações materiais indispensáveis para seu ordenamento. Isso implica dizer que os cenários virtuais e (i)materiais do ciberespaço não competem com o anulamento de concepções materialistas do espaço, mas introjetam um novo universo epistemológico complexificado a se decodificar.

De posse desse espectro discursivo acerca do ciberespaço como espaço reticulado e sua dimensão espaçotemporal, torna-se mais elucidativo o que aqui se propõe entender: pistas de como esse espaço produzido passa a produzir performances socioespaciais. Entende-se performances socioespaciais aqui como a ação social de sujeitos e coletividades para fins de apropriação do espaço, ativismos, desenvolvimento de sentidos de pertença, manutenção do espaço, produção cultural, difusão de informação, expressão, discurso, empreendedorismo social, reações e relações de poder e contrapoder, entre outros.

Parte-se da premissa de que a emancipação do ciberespaço como um espaço reticulado torna fecundo o desenvolvimento de tais performances. Todavia, essas performances distam das preexistentes ou daquelas que não são concebidas no/a partir do ciberespaço pela articulação on e off-line, material e imaterial, espaçotemporal e virtual. São jornadas operacionais de ressonância entre on-line/off-line sob uma perspectiva de apropriação, manutenção e transformação do espaço e das relações nele desenvolvidas. Assim, nota-se que as características constitutivas e funcionais do ciberespaço como espaço reticulado e toda a sorte de alterações e impactos que ele

provoca na própria noção do espaço e nos sujeitos e coletividades propiciam relações de empoderamento.

Com o desenvolvimento de novas ambiências no ciberespaço e novas experiências entre a virtualidade e a (i)materialidade, tem-se uma nova ágora na contemporaneidade (VELLOSO, 2008). Essa ágora, eletrônica e virtual, concentra um importante desenvolvimento de ações sociais, não apenas relacionais, mas identitárias e comunitárias (HALL, 2005; LÉVY, 2000). Desse modo, a liberdade e a espacialidade fluida e a territorialidade aberta do ciberespaço contribui para que os sujeitos se movam no ciberespaço com mais voz, liberdade e empoderamento (LE MOS; LÉVY, 2010; LÉVY, 2002). O significado de tal arranjo é uma atividade socioespacial mais acentuada, isto é, performances socioespaciais mais difusas e mais conscientes de sua incursão e navegação no espaço habitado e vivido (CASTELLS, 2013; SANTOS *et al.* 2015b).

Monta-se um arcabouço socioespacial, uma campanha de sujeitos engajados e que contam com uma coletividade solidária, convergente e remodelada em seus papéis e consciência. Dito isto, é possível ler com bons lumes aos fenômenos que tiveram por base operações no ciberespaço como a ações do *WikiLeaks* desde 2006, a Primavera Árabe em 2010, o *Occupy Wall Street* em 2011, as manifestações brasileiras ou as declarações de Snowden de 2013 que até hoje reverberam sobre a sociedade global. Esse conjunto de performances e fenômenos tem por encaixe essa envergadura do ciberespaço que, como espaço reticulado, potencializa novas relações e devires.

Um quadro de desterritorialização e desmaterialização das relações sociais e processos socioespaciais, tem-se a reconfiguração da circulação, da produção capitalista, do consumo, da economia, da ação política, da cultura e da informação. Nisso, um balanço entre poder e contra-poder é observável, onde informação e comunicação passam a ser capitais sociais. Assiste-se então a sociedade em rede e o espaço de fluxos de Castells (2007; 2003; 2013) a dispersar redes engajadas, solidárias e protagonistas em um despertar de papéis e da consciência quer individual quer coletiva.

Ao refletir o ciberespaço como espaço reticulado na perspectiva de um espaço produzido e produtor de performances socioespaciais, o desenvolvimento franco das redes telemáticas e das TICs trazem à tona o conceito de cidades inteligentes e a aplicação de cidades digitais, as cibercidades. O espaço urbano faz cioso proveito das construções e possibilidades das TICs para adicionar ao seu corpo uma camada integradora para catalização dos benefícios da conexão e da informatização de seus processos e vivências. Tem-se diante dos olhos um novo panorama de desenvolvimento urbano atrelado ao futuro das cidades e dos sujeitos ante aos rearranjos da tecnologia, do espaço e do ciberespaço.

Elementos como a interatividade, a instantaneidade, a conexão como navegação social, a formação de comunidades virtuais e a difusão de redes entre fluxos faz com que o ciberespaço, seus processos e fenômenos surgidos a partir dele produzam espaços produtores de relações socioespaciais, isto é, performances potencialmente transformadoras do meio. Sujeitos e coletividades tem uma nova interface de experiência do espaço e dela impetram novos devires capazes de complexificações ulteriores da condição humana e da sociedade contemporânea, cenários de grande anelo à Geografia de hoje e de sempre.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A emergência do ciberespaço conceitual e factualmente provocou uma complexificação sociocultural particular e geradora de novas configurações para as

noções de espaço, os sujeitos e seus devires, a coletividade e suas interações, temas assaz pertinentes à Geografia que tem se debruçado sobre as revoluções entre espaço e sociedade. Por meio da discussão aqui traçada e para além dela, observa-se um cenário de cenários com desdobramentos diversos que impele novos esforços sobre a geograficidade do ciberespaço.

Como espaço reticulado, o ciberespaço entrega novas formas de vivência e sentido do espaço e das relações sociais. A tele-existência capitaneada pela virtualidade e a interatividade como marcadores do uso e vivência nas ambiências do ciberespaço inauguraram uma nova lógica do visível e do invisível. Isso implica em uma nova concepção do espaço e da realidade, para além do materialismo, mas trabalhando com uma dimensão (i)material de vivência e sentido. Espaço e sociedade sofrem profundas alterações e, à guisa dos fenômenos insurgentes e das ações de seus sujeitos, rearranjam epistemológica e factualmente as dinâmicas preexistentes.

Nessa perspectiva, a discussão apresenta como dado intempestivo que esses novos caminhos, jornadas e sentidos têm gerado um despertar de papéis e da consciência de sujeitos e coletividades diante da sociedade, do espaço e suas relações. Isto é, performances socioespaciais tem sido produzidas concomitantemente à produção desses espaços complexificados. Tais performances socioespaciais são peças chave e elementos capitais na transformação dos cenários contemporâneos em termos de sociabilidade, cultura, política, economia e toda sorte de fluxos no mundo global.

Nas performances e nesse esteio entre espaço e rede está o germe de uma série de configurações e reconfigurações da realidade, da sociedade e das experiências de vida, espaço e tempo. Seja na difusão de redes, de fluxos, de movimentos sociais, ativismos, construções memoriais, nas cibercidades ou nas novas formas de sociabilidade, novos ritmos tem sido adicionados ao mundo contemporâneo, suscitando debates, desconfiança, ceticismo e, sobretudo, luzeiros. A sentença levyniana de que o ciberespaço é o lugar onde o mundo funciona hoje torna-se, assim, um certame.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1998.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 11 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

_____. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

_____. **Redes de indignação e esperança**. Movimentos sociais na era da internet. São Paulo: Zahar Editora, 2013.

ECO, U. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

GIBSON, Willian. **Neuromancer**. São Paulo: Aleph, 2003.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo; UNESP, 1991.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

LEMOS, A. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 7 ed. São Paulo: Editora Sulina, 2015.

LEMOS, A.; LÉVY, P. **O futuro da internet**. Em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010.

LÉVY, P. A emergência do cyberspace e as mutações culturais. In: PELLANDA, N. M. C.; PELLANDA, E. C. (Orgs.). **Ciberespaço**: um hipertexto com Pierre Lévy. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2003.

_____. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2000.

_____. **Ciberdemocracia**. São Paulo: Instituto Piaget, 2002.

MARCONDES FILHO, C. **Pensar – pulsar**: cultura comunicacional, tecnologias e velocidade. São Paulo: Edições NTC, 1996.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 2002.

MIRANDA, A. P. M. **Geografia do Ciberespaço**: novos territórios da informação em rede. Curitiba: Appris, 2014.

MORAES, F. D. Ciberespaço entre as redes e o espaço geográfico: algumas considerações teóricas. **Caminhos da Geografia**, Uberlândia, v. 14, n. 47, set. 2013.

SANTOS, G. S.; SAMPAIO, C. A.; REIS, V. M. C. P.; ROCHA, J. S. B. Cibercultura, interações sociais e pós-modernidade: realidade versus virtualidade. **Espacios**, Caracas, v. 36, n. 22, dez. 2015a.

SANTOS; G. S.; FREITAS, R. F.; REIS, V. M. C. P.; ROCHA, J. S. B. Educação como terreno de epifania da cibercultura: leituras e cenários. **Revista Multitexto**, Montes Claros, v. 3, n. 1, jan./jun. 2015b.

SANTOS, G. S.; SIQUEIRA, S. M.; REIS, V. M. C. P.; ROCHA, J. S. B. Noções do virtual: uma chave de leitura para o ciberespaço e da cibercultura. **Aurora: revista de mídia, arte e política**, São Paulo, v. 8, n. 22, fev./mai. 2015c.

SANTOS, G. S.; TRINDADE, L. T.; ROCHA, J. S. B. Um novo lócus espaço-temporal: considerações sobre a dinâmica espacial e temporal do ciberespaço. **Animus: Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, Santa Maria, v. 14, n. 28, jul./dez. 2015.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4 ed. São Paulo: Edusp, 2004.

SILVA, C. A.; TANCAMAN, M. A Dimensão Socioespacial do Ciberespaço: uma nota. **GEOgraphia**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 55-66. 1999.

VELLOSO, R. V. O ciberespaço como ágora eletrônica na sociedade contemporânea. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 37, n. 2, p. 103-109, maio/ago. 2008.

Recebido para publicação em 20 de fevereiro 2017
Aceito para publicação em 12 de abril de 2017